

FORMAÇÃO ESPORTIVIZADA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Antônio Elton Costa de Melo¹
Paulo Sérgio Bereoff¹

¹Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió, Alagoas

RESUMO

O estudo constata que existe já há algum tempo na Educação Física uma crítica dos problemas causados pelo modelo de esporte competitivo, utilizado como instrumento nas aulas de Educação Física. Partindo das principais e graves consequências para a formação do sujeito a partir desse modelo esportivizado, teremos por objetivo verificar se houve historicamente propostas concretas para a tentativa de transcendência desta Educação Física escolar esportivizada, visando, assim, a estabelecer uma prática educacional capaz de resgatar os valores humanos e sociais construídos culturalmente e estabelecidos em nossa Constituição. Desse modo, como metodologia, para tentar alcançar a compreensão das consequências formativas do modelo esportivizado, bem como suas respectivas reflexões críticas, utilizamos uma pesquisa bibliográfica com base nas produções científicas já produzidas na área sobre a crise da Educação Física escolar. Concluimos que se deve criar, no mínimo, uma nova cultura para Educação Física de modo que permita ao final de cada aula perguntar: eu proporcionei experiências educativas aos meus alunos, as quais lhes possibilitem ser autônomos, capazes de transcender o *status quo*, fazendo uso de seus próprios entendimentos, se assim o quiserem?

Palavras-chave: Formação Esportivizada, Educação Física Escolar, Valores Humanos.

SPORTIVIZATION TRAINING IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

The study notes that for some time in Physical Education there has been a critique of the problems caused by the competitive sports model used as an instrument in Physical Education classes. Starting from the main and serious consequences for the formation of the subject from this sportivized model, we will aim to verify if there were historically concrete proposals for the transcendence attempt of this sports Physical education school, aiming, therefore, to establish an educational practice capable of rescuing the Culturally constructed human and social values established in our Constitution. Thus, as a methodology, to try to reach an understanding of the formative consequences of the sports model, as well as their respective critical reflections, we used a bibliographical research based on the scientific productions already produced in the area on the crisis of Physical School Education. We conclude that at least one new Physical Education culture should be created so that at the end of each class, I can ask: I have provided educational experiences to my students, enabling them to be autonomous, able to transcend the status quo, making use of of your own understanding, if you will?

Keywords: Sports Training, School Physical Education, Human Values.

INTRODUÇÃO

Segundo a Constituição Federal (BRASIL, 1988), seguida da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a educação, direito de todos, tem como dever promover o pleno desenvolvimento da pessoa, visando à formação de cidadãos, inspirados nos princípios de liberdade e solidariedade humana, tendo como função educacional das disciplinas a difusão de valores fundamentais de interesse social, respeito ao bem comum e à ordem democrática.

A Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola é componente curricular obrigatório da educação básica, pois tem como objetivo os preceitos da legislação, garantindo seu acesso aos estudantes.

Assim, para a Federação Internacional de Educação Física (FIEP, 1976) a Educação Física é considerada, universalmente, um meio para atingir os objetivos da Educação devido ao caráter global da natureza da atividade, atingindo o indivíduo em sua totalidade.

Autores, como Betti (1991) e Castellani Filho (1998), apontam que o objetivo da Educação Física é integrar e introduzir o aluno na cultura corporal, através dos conteúdos como o esporte, a dança, a ginástica e os jogos, preparando-os para toda sua vida social.

Já Costa (1987), GoTani (1988) e Freire (1994), respectivamente, afirmam que o objetivo da Educação Física parte do desenvolvimento integral da personalidade do aluno, oportunidade de aprendizagem de um pleno desenvolvimento motor, de acordo com estágios de crescimento e desenvolvimento e a construção do conhecimento através do resgate do conhecimento do aluno para solução de problemas, tendo como temáticas a cultura popular, o jogo e a ludicidade.

Assim podemos inferir que, de acordo com a legislação educacional e as contribuições dos autores anteriormente citados, a Educação Física escolar, sendo direito de todos, deverá oportunizar a participação dos alunos nas aulas, tendo como objetivo a formação educacional, o desenvolvimento integral e uma série de possibilidades que oportunizem um contexto de reciprocidades de ações entre professor-aluno, abrindo as portas para o ensino dos demais conteúdos como a ginástica, o jogo, a dança e os temas transversais, além do esporte, para que, assim, a Educação Física, através dos movimentos, gestos motores, expressões

corporais, possa finalmente construir um conhecimento com um sentido socializador, cooperativo e lúdico.

Entretanto, na atualidade da Educação Física Escolar, o que é predominantemente trabalhado é o esporte, num sentido de rendimento máximo, dentro de uma perspectiva de competição excessiva, de ausência de ludicidade e numa busca de aptidão física ideal alienada, deixando de lado vários outros conteúdos que poderiam ser trabalhados no processo educacional, conforme citado acima.

Como já era denunciado e observado nas décadas de 70 e 80 do século passado por Bracht (1986), Santin (1987), Coletivo de Autores (1992), PCN (BRASIL, 1998) e Gonçalves Junior (2002), no qual, enfatizavam o início da política de massificação das práticas esportivas no contexto do rendimento dentro e fora da escola no Brasil, fazendo com que, desta forma, o esporte de rendimento se tornasse uma imposição em nossa cultura capitalista, estimuladora da competição entre as pessoas.

No entanto, alguns estudos na década de 80 e 90 já tentavam superar este estado crítico, de uma Educação Física esportivizada, que se apresentava como mera reprodutora das atitudes e vícios negativos de uma sociedade alienada em busca de resultados máximos, o que impedem a formação do aluno numa perspectiva mais humana, conforme Oliveira (1985), Hildebrandt e Laging (1986), Betti (1992), Kunz (1994) e Vago (1996), que defendiam aspectos como a aprendizagem significativa que leva os alunos a uma atitude consciente da própria realidade, fazendo descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais. Esses fatores reflete a problematização e a construção de um ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo, para dotá-lo de valores e códigos que privilegiem a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico.

Como podemos constatar, existe há algum tempo na Educação Física uma compreensão crítica dos problemas causados pelo modelo de esporte competitivo, utilizado como instrumento nas aulas de Educação Física - e é a isto que chamamos aqui de Educação Física Esportivizada, porém nos dias atuais persiste uma mesma prática e com os mesmos problemas mencionados. Mas sendo assim,

porque, apesar desta consciência, não ocorreram mudanças na prática pedagógica? Porque tal estado de infortúnios não foi superado?

Será que o pensamento crítico na Educação física se manteve apenas no nível da reflexão, sem nenhuma proposta para a tão esperada superação deste *status quo*?

Diante desses questionamentos, neste estudo, partindo da clara demarcação das principais e graves consequências para a formação do sujeito a partir desse modelo esportivizado, teremos por objetivo verificar se houve, historicamente, propostas concretas para a tentativa de transcendência desta Educação Física Escolar esportivizada, visando a estabelecer uma prática educacional capaz de resgatar os valores humanos e sociais construídos culturalmente e estabelecidos em nossa Constituição.

METODOLOGIA

Sabemos que, na escola, devemos ensinar e aprender valores como liberdade, inclusão, solidariedade etc., e isto é o que se espera que seja internalizado e praticado pelos alunos no dia a dia, mas, para isso, é necessário que o trabalho escolar, por meio de seus componentes curriculares, como a Educação Física, apresente conteúdos conceituais, factuais, procedimentais, que levem de fato a atitudes condizentes com tais valores, o que dificilmente ocorrerá numa aula de Educação Física que valoriza em excesso um esporte competitivo de padrões técnicos de alto rendimento. Nessa prática da disciplina haverá valores individualistas, onde só há espaço para a perfeição e o rendimento máximo do corpo humano em busca da vitória a qualquer preço.

Deste modo, como metodologia, para tentar alcançar a compreensão das consequências formativas do modelo esportivizado, bem como suas respectivas reflexões críticas, utilizamos uma pesquisa bibliográfica com base nas produções científicas já produzidas na área sobre a crise da Educação Física escolar.

Nessa perspectiva, este estudo tomará inicialmente como referência teórica básica as contribuições de Costa (1987), que, ao descrever e refletir sobre a prática da Educação Física na escola, ajudar-nos-á a repensar a importância de ressignificar nossas atitudes como professores diante de uma Educação Física

reprodutiva dos modos negativos da sociedade e, assim, quem sabe, despertando em nós possíveis perspectivas de transformação para Educação Física Escolar, visando ao aluno e não ao atleta, visando à participação de todos e não a competição excessiva, enfim, visando a uma disciplina na escola e não a uma prática desportiva de rendimento em um clube.

Também buscaremos as contribuições de Moreira (1992), que descreve problemas identificados em sua pesquisa nas aulas de Educação Física e retrata como valorizar a Educação Física, com um humanismo e experiência de professor que, seguramente, colaborará para o desenvolvimento do trabalho.

Importante também, neste estudo, são as contribuições de Bereoff (1999) que, ao refletir dialeticamente com calma e sem pressa sobre a situação problemática da Educação Física, consegue expor de maneira sensível e contundente uma nova teoria em que a Educação Física pode ser desenvolvida e ensinada com simplicidade, disposição e competência, a partir da perspectiva de uma verdadeira experiência formativa, efetivando, assim, uma Educação Física escolar mais digna ao nosso povo.

O esporte competitivo como instrumento principal das aulas de educação física na escola

Segundo Castellani Filho (1991), a partir da ratificação da obrigatoriedade da Educação Física no Ensino primário e médio, através da Lei nº 4.024/61, o esporte, que já havia se fortalecido na Europa, começa em nosso país a ganhar espaço nas aulas de Educação Física. Através do parecer(CFE) n.º 424 de 1966, a Educação Física se torna necessária e importante para formação dos alunos na escola, como uma disciplina que vai além dos benefícios dos exercícios físicos relacionado à saúde, como um valor formativo que inclui atitudes físicas, mentais e morais. Com a Lei nº 5.540 de 1968 (Lei da Reforma Universitária) e o Decreto Lei nº 464 de 1969, amplia-se a vontade da inclusão das atividades esportivas incitando as instituições de ensino superior a estimularem tais práticas.

Porém, a consolidação da obrigatoriedade do ensino da Educação Física - com um caráter lúdico-esportivo - estendido a todos os níveis e ramos de escolarização,

através do Decreto Lei n.º 705 de 25 de julho de 1969, parece ter sido um retrocesso ao se enfatizar/priorizar mais o lúdico e o competitivo em detrimento daqueles valores mais formativos, recomendados pelo Conselho Federal de Educação, em 1966.

Para Bereoff (1999), não foi por acaso o que acontecia nesse momento e que se iniciou a partir do “Golpe Militar de 64” com a formação da aliança entre a tecnoburocracia militar e civil, e a burguesia industrial e financeira nacional e multinacional: tratava-se de um alinhamento do sistema educacional com a política de internacionalização da economia, onde se firmaram os acordos Ministério da Educação do Brasil e *United States Agency for International Development* MEC-USAID, dando início à implantação da educação da Teoria de Administração de Empresas (Taylor-Fayol).

Dessa forma, podemos observar, na década de 60, que o Esporte competitivo se insere na Educação Física Escolar e se torna objeto principal através de leis, decretos e pareceres. É importante também ressaltar, nesse período, conforme Bereoff (1999), a predominância da tendência tecnicista no setor educacional, e como a Educação Física já seguia também esse método, tornando-se ainda mais subordinada a esse modelo, em especial ao Esporte de rendimento, que garantidos pelo governo nos programas de Educação Física Escolar, impôs ainda a aptidão física como referência fundamental para tais programas, tomando assim, o esporte, como um objeto único e em posição absoluta.

O que pode ser verificado quase no final do governo militar, por meio das Diretrizes Gerais para a Educação Física/Desportos de 1980 a 1985, na especificação dos objetivos gerais com o aprimoramento da aptidão física da população, elevação do nível dos desportos em todas as áreas, implantação e intensificação da prática dos desportos de massa, elevação do nível técnico-desportivo das representações nacionais e difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer. Intervenções governamentais que, segundo Bereoff (1999), foram elaboradas num período onde já existia uma crítica inicial que combatia este modelo de educação física tecnicista. Porém, para o autor, o governo parecia indiferente a essa mesma crítica.

Contudo, constatamos que o Esporte de alto rendimento surge na Educação Física Escolar com apoio do setor educacional, projeto do contexto tecnicista governamental Militar e político, que enxergou, no ensino superior, o meio necessário para disseminar e tornar hegemônica a esportivização nas escolas até os dias de hoje.

As consequências de uma formação esportivizada nas aulas de educação física escolar

Como pudemos observar neste breve corte histórico sobre a Educação Física escolar, a atividade esportiva como um dos instrumentos educativos para se atingir os objetivos de formação integral do sujeito, foi substituída pelo Esporte de alto rendimento, com seus métodos, valores e fins institucionalizados, um Esporte de bases científico-tecnológicas, fruto da evolução das áreas de Fisiologia do Esforço e do Treinamento esportivo, sendo esta associação considerada como uma forma de desenvolvimento, de progresso da própria área de conhecimento da Educação Física.

Mas Morin (1982 *apud* BEREOFF, 1999), refletindo-se sobre o sentido de progresso, afirma que o crescimento em alguns casos pode até produzir mais prejuízos do que bem-estar, principalmente, quando os subprodutos se tornam os produtos principais.

Nesse sentido, Bereoff (1999) analisa que, pensando no desenvolvimento da Educação Física, o crescimento do conhecimento da área, a partir de certo limiar, trouxe alguns danos, já que os subprodutos como o Esporte de alto rendimento assumiram uma posição primária sobre a prática pedagógica da disciplina.

Por isso, a cada dia que passa, vemos escolas trocando seus valores como inclusão, liberdade de expressão e solidariedade no que se refere ao seu desenvolvimento educacional, por títulos de campeãs, por honras de que é melhor nisso ou naquilo, outro prestígio como já nos alertara: “[...] a escola, ainda como os antigos gregos, acredita no fato de um campeão ser extremamente necessário para estimular a prática do esporte por um grande número de pessoas” (COSTA, 1987, p. 21).

Moreira (1992) revela que as aulas de Educação Física, em todos os níveis, mostram uma atividade sem continuidade, sem articulação, sem unidade, sem consciência no ensino e sem relação com a realidade, na qual está inserida. Prova disso é a descrição feita por ele em sua pesquisa, onde demonstra alguns dos problemas já colocados acima e outros acrescentados a partir de análise das aulas de professores de Educação Física em suas respectivas escolas, nas quais os valores apresentados no cotidiano do professor em relação aos seus alunos são: determinismo, burocratismo, autoritarismo, individualismo, incentivo ao rendimento atlético, ordem, descompromisso com a ação educativa, insensibilidade à manifestação corporal do aluno, valorização da “filosofia do levar vantagem” etc.

Em vista disso, Moreira (1992) aponta o esporte como dependente dos valores praticados pelos sujeitos em sociedade, e se a sociedade se vê valorizando a competição, o individualismo, a filosofia de que o certo é levar vantagem, essa mesma sociedade terá uma conotação dogmática, onde o lema será vencer ou morrer. E tudo isso leva a graves consequências, como veremos a seguir.

Competição excessiva

Para Capitânio (2003), Ferreira (2000) e Cratty (1984), o esporte, se não ensinado com um olhar crítico, pode causar com a competitividade excessiva vários problemas a crianças e jovens, tanto na formação de sua personalidade como em seu desenvolvimento.

Ausubel (1980 *apud* COSTA, 1987), refletindo sobre tal prática diz que: a competição é uma forma intensificadora do ego, o que estimula ainda mais a competição. E, como a Educação Física na Escola, conforme Correia (2006) e Ferreira (2000), consolidou a vitória como objetivo, dando maior atenção aos mais talentosos, por meio das atividades esportivas, esqueceu daqueles que não vencem e cujos gestos desportivos são, às vezes, de uma plasticidade tão bonita quanto à dos vencedores. Na maioria das vezes, são os perdedores que mais necessitam de atenção e mediação pedagógica do professor.

Diante disso, Souza (1997) e Ferreira (2000) acrescentam que, com o ambiente escolar mediado pela competição, fatores como a desigualdade, rivalidade, preconceito, violência, *doping* e o comportamento desleal estão presentes na

formação dos alunos, o que contribui para forjar uma personalidade incompatível com a vida humana em sociedade.

Desse modo, estamos de acordo com Moreira (1992), ao dizer que o fenômeno desportivo ainda está bem longe de ser reconhecido, como um fenômeno social humanizador.

Portanto, são várias as interrogações a respeito da competição excessiva nas aulas de Educação Física na Escola. Porque praticá-la, desenvolvê-la, mesmo sabendo de sua incompatibilidade com os valores humanos?

Ausência de ludicidade, criatividade, prazer e liberdade

Segundo Marcellino (1992 *apud* MARCASSA,1997), com a especulação imobiliária diminuindo o espaço do lúdico, as obrigações escolares vão restringindo o tempo das brincadeiras, bem como a própria industrialização do brinquedo vai impondo às crianças os meios, as formas e os objetos para brincar. Tudo isso causa o furto do lúdico no período da infância, que gera, entre outras coisas, obrigações precoces, trabalho infantil, consumo de bens materiais prontos, dominação dos valores dos adultos pelas crianças e a impossibilidade de vivência de atividades espontâneas, de livre escolha, que propiciam prazer e felicidade sem qualquer interesse utilitário ou material.

Por outro lado, Moreira (1992) alerta para a valorização da disciplina corporal na escola. Essa educação exclui a criatividade, incentiva a passividade, o silêncio e o desprazer. O autor acrescenta que o critério básico dessa educação é a privação de reflexões, a partir das experiências existentes nas aulas, como a falta de diálogo. Com isso, continua o autor questionando que escola está montada em números, processo estatístico se encontra tanta ansiedade, frustração, desprazer e desamor.

Como propiciar, na escola o direito da criança ser criança e não ser tratada como um adulto precoce? Como proporcionar na escola, o direito da criança produzir movimentos e participar de atividades motoras que não a desprezem em função da busca do alto rendimento? Como conjugar uma escola séria com a presença da ludicidade e do prazer, direitos inalienáveis do ser-criança-no-mundo? (MOREIRA, 1992, p. 178).

São situações importantes a serem tratadas e discutidas, para que os alunos possam ter, ao invés de autoritarismos e regras insensíveis, possibilidades de

criação junto ao professor, nas quais, hajam prazer e vontade de participação no processo educativo, já que os alunos passarão pelo ensino fundamental e médio na escola. E imagine: passando por tudo isso, como não serão seu desenvolvimento e sua aprendizagem sem um mínimo de prazer em participar de uma aula de Educação Física?

A busca pela aptidão física ideal e o rendimento máximo do corpo humano

Outro ponto importante é a busca de aptidões físicas, números estatísticos para comprovação de superações alienadas e busca de recordes em nome de uma suposta saúde promovida pela Educação Física Escolar, em que alunos estão sendo, muitas vezes, comparados a robôs, sem nenhuma coerência com as reais necessidades que poderiam ser abordadas diante do seu ambiente histórico, cultural, social e de formação humana e/ou educacional.

Para Costa (1987), o problema disso é o modelo de reprodução social, que se insere na escola, utilizando-se do esporte para promoção dos valores capitalistas, que possui uma compreensão do aluno como atleta, objeto sem haver uma perspectiva de transformação que coloque o aluno como centro do processo do ensino e aprendizagem com objetivo educacional. Nesse sentido, a autora explica que: no modelo de reprodução, o professor de Educação Física é identificado como aquele que procede como um controlador da ação dos alunos, treinador, técnico, impedindo-lhe o crescimento pessoal e social.

Em relação à avaliação, continua a autora, apenas os resultados de produto são valorizados. Esse produto é representado, predominantemente, por desempenho motor, com o objetivo de selecionar indivíduos com alta aptidão para os diferentes esportes. E assim, em detrimento da visão de processo, orientadora da sequência ensino-aprendizagem, a avaliação de produto impede o alcance pedagógico da atividade física, caracterizando, assim, uma prática essencialmente mecânica.

Os alunos são levados a treinamentos com o objetivo do mais alto desempenho, que, segundo Laguillomie (1978 *apud* COSTA, 1987), quando

praticados nas aulas de Educação Física, apresenta quatro níveis: o nível de atividade, do corpo, do tempo e do espaço num sentido rendimentalista.

Portanto, parece-nos que admitir o reducionismo causado pela formação esportivizada em massa, nas aulas de Educação Física, pode ser o início de uma tentativa de reverter à insensibilidade do compromisso pedagógico e humano na formação dos alunos.

Propostas para superação das consequências da formação esportivizada na educação física escolar

A princípio, estamos de acordo com Souza (1997), ao dizer que o lugar de ensinar o esporte é na escola, por sabermos de sua influência sócio cultural, psicológica e política. O que difere do entendimento do governo brasileiro que impôs a Medida Provisória nº 746, de 2016, que trata da não obrigatoriedade da disciplina de Educação Física no ensino médio. Em consequência, o Esporte não terá mais sua vivência formativa no âmbito desse processo de ensino-aprendizagem.

Para Daólio (2002), é necessário para superação da formação esportivizada formar cidadãos capazes de praticar e apreciar atividades físicas, esportivas ou de danças, que garantam aos alunos autonomia em relação aos esportes, danças, jogos e ginásticas, ensinando-os a partir de princípios que incluam o respeito às diferenças individuais e co-participação, o que geraria, a partir disso, atitudes voltadas a valores como solidariedade de forma refletida pelos participantes nas aulas de Educação Física.

Dessa forma, para o Coletivo de autores (1992), é preciso desmitificar o esporte e dar condições para que os alunos tenham conhecimentos que permitam que os mesmos possam criticar o esporte dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural.

Segundo Kunz (2003), o Esporte tem a obrigação de passar por um processo de transformação didático pedagógica, em que o aluno seja o centro do desenvolvimento das ações de aprendizagem e não o esporte em si.

Betti (1991) enfatiza que o esporte, em si mesmo, não é educativo nem anti-educativo; ele não possui nenhuma qualidade mágica; ele é aquilo que se fizer dele,

logo, a prática do esporte pode tanto formar patifes como homens perfeitos preocupados com o *fair-play*.

Nesse sentido, como aprendemos que o esporte é aquilo que se possa fazer dele, apresentaremos algumas propostas de superações das consequências da formação esportivizada nas aulas de Educação Física, enfatizadas acima.

De forma semelhante, como já refletimos anteriormente em relação ao esporte, “a competição também em si não é boa ou má, ela é o que fazemos dela” (FERRAZ, 2002. p. 37).

Para Correia (2006), uma forma de possibilidade alternativa a competição excessiva nas aulas de Educação Física é a prática de jogos cooperativos, já que esse não valoriza o fato de ganhar ou perder, mas sim a formação de valores humanos, o que implica a uma libertação sobre a competição exacerbada.

Bracht (2001) entende que a competição deve ter um sentido menos centralizador, abrindo também espaço para atividades cooperativas. Por outro lado, Bracht (1992) diz que: mesmo sabendo das limitações impostas pela ordem social vigente, é preciso reorientar a competição esportiva, destituindo-a da finalidade precípua de indicar a supremacia de uns sobre outros, através da análise crítica do significado da competição.

De acordo com Sadi (2004), para combater a competição excessiva é preciso incentivar competições a favor do humano e não contra, de forma didática e educacional, garantindo-se a permanência de valores éticos no decorrer da vida dos alunos.

Com o mesmo cuidado, Freire (1997) diz que é preciso uma conscientização dos alunos referente a seu papel com seu amigo que está competindo, a fim de que ele não o veja como inimigo e sim como amigo na sua integridade física e moral, respeitando-o. Pois, para o autor, sem o amigo não teria disputa, nem vitória, nem competição.

Bereoff (1999) reflete que excluindo todas as formas de competição não se estará resolvendo o problema nas aulas de Educação Física, apenas estará excluindo o objeto que deveria ser trabalhado através de experiências concretas. Para ele, a resolução dos problemas deve-se dar pelo esclarecimento e

não pela ocultação, conhecendo as possibilidades reais e as condições objetivas que interferem em seu rumo.

Diante do exposto, observamos que a competição excessiva pode ser transformada em possibilidades e reflexões, que pode dar lugar a competições coletivas e cooperativas contra todas as formas de opressões, comportamentos e hábitos que não vêem o outro como um ser humano, e que é preciso justamente isso, competir mesmo por meio do esporte a favor da vida, em que não há ganhadores e sim indivíduos, pessoas, alunos em busca da paz, união e amor. Por fim, vemos que, estar em constante diálogo em vários contextos, é uma forma de tratar a competição nas aulas de Educação Física na escola, sem negá-la junto ao esporte.

Na perspectiva de superação de ausência de ludicidade, iniciamos a partir da escola que Snyders (1988), que aponta, de um lado, como cheia de ordens, obrigações e dificuldades; de outro, alunos cheios de temores e desgostos, por estarem todos os dias, de certa forma, controlados, presos a um ambiente. A reflexão trazida por essas discussões é que, muitas às vezes, a escola não os compreende. Diante disso, o que fazer?

Snyders (1988) diz que é preciso transformar a escola a partir de conteúdos renovados que possa ir ao encontro da satisfação cultural escolar, isto é, que o obrigatório e a alegria, o difícil e a alegria estejam presentes.

Para Marcassa (1998), isso pode ser possível à medida que os conteúdos culturais suscitem um desejo profundo de curiosidade epistemológica, criando assim, um desejo alegre, lúdico, que desmitifique essa cultura que o nega.

Desse modo, Marcassa (1997) aponta que a compreensão que o professor tem de sua área de conhecimento da Educação Física escolar e os valores que ele veicula a partir dela podem interferir na manifestação do componente lúdico da cultura do aluno. Como exemplo, se o professor ainda estiver respaldado no paradigma da aptidão física, ou mesmo entender a Educação Física como desenvolvimento de habilidades motoras, seus alunos não se apropriarão dos conhecimentos universais de forma reflexiva, perdendo o incentivo à criatividade, à participação, à imaginação, ao prazer, à liberdade e à reflexão própria de uma tendência mais crítica da área.

Essa reflexão possibilita um grande espaço para a ludicidade justamente por valorizar a transformação da sociedade através de uma nova construção de cultura. No entanto, o obrigatório, o difícil e o sistemático são traços marcantes da escola, sem os quais a escola não pode ser escola. Assim, porque não aliar o aprender ao brincar na construção de uma cultura elaborada?

De forma resumida, dizer que essa possibilidade de aliar o aprender ao brincar não é nova, a psicologia já nos ensina isso, mas porque é tão difícil de efetivá-la na prática educativa? Conforme nos diz Santin (2001), talvez seja por conta da ludicidade ser um segredo, que só é desvendado no campo das sutilezas de quem vive esse estado, e, como muitas vezes, a escola, as disciplinas, a Educação Física não conseguem viver esse estado, perdem a oportunidade de viver a educação de forma feliz. Por isso, para Souza (1997), nessas condições, o esporte será tanto mais educativo quanto mais conservar sua qualidade lúdica, sua espontaneidade e seu poder de iniciativa.

[...] procurar a essência da atividade lúdica é tentar redimensionar o fenômeno muito além do simples entretenimento. É tentar descobrir sua dimensão humana sem nunca perder de vista a integração do homem dentro do seu meio. (BRUHNS, 1993, p. 20).

Marcellino (1988) defende a atividade lúdica no jogo, no brinquedo e na brincadeira, contanto que provoque prazer e não tenha caráter produtivo em termos materiais.

Ainda Marcellino (1989) relata sua opção por uma abordagem do lúdico, não em si mesmo, ou de forma isolada nessa ou naquela atividade (festa, jogo, brincadeira etc.), mas como um elemento da cultura historicamente situada. Considera, ao mesmo tempo, o componente lúdico da cultura, a partir de sua manifestação nas relações sociais.

Para Kishimoto (2006 *apud* TUBINO, 2010), quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas de estimular certos tipos de aprendizagens, surge a dimensão educativa.

Por esses e outros motivos, conforme Marcellino (1989), parece-nos que uma visão crítica da ludicidade, enquanto canal possível de atuação no plano cultural, preparando para uma nova ordem social, revela a participação cultural que não é conformista, mas sim crítica e criativa. Então, o lúdico, como componente do processo ensino-aprendizagem, parece ter maior abrangência enquanto espaço de

vivência da cultura pela criança e, ainda, pode ser um momento de reflexão de sua realidade, que encontra somente nessa perspectiva, a possibilidade de canalizar a leitura crítica para uma transformação social.

Assim sendo, Escobar (2005) nos diz que, para o esporte ser educativo, é preciso preservar a ludicidade, a espontaneidade e a auto-organização dos alunos. Ensinando-os a resistirem aos processos de massificação, de alienação e de expropriação, mantendo de forma permanente como norte as necessidades vitais do ser humano, isto é, o esporte deve servir aos alunos e não os alunos ao esporte.

Fazendo uma reflexão sobre a educação na qual a Educação Física está inserida, Gadotti (1997) diz que educação é muito mais do que instrução, do que treinamento ou a simples repetição. Todavia, mesmo com a modernidade caracterizada pela superficialidade das relações e pelo consumo imediato, a educação se faz em um processo em longo prazo, combatendo o imediatismo, o consumismo, se quiser contribuir para a transformação de uma sociedade.

Dessa forma, para o autor enfatiza que, para a educação ser transformadora e libertadora, é preciso construir entre educadores e educando uma verdadeira consciência histórica. E isso demanda tempo.

Tempo que esteja voltado ao compromisso permanente pela busca de soluções geradas de problemas concretos, nascentes da realidade. Sendo assim, julgamos não caber à Educação Física Escolar continuar a ensinar conteúdos voltados à performance. Correia (2006) afirma da mesma forma que o lugar da “performance” não é na escola.

Através de uma efetiva mediação do processo educativo, em que o professor possui um papel fundamental enquanto formador para refletir junto aos alunos sobre o Esporte, nos mais variados sentidos e formas, sem deixar de garantir outros conteúdos como a dança, jogos, ginástica, temas transversais etc.

Mesmo sabendo que isso demanda tempo, para superarmos o imediatismo supérfluo de repetições de conteúdos estereotipados da esportivização das massas, devemos orientar nossa ação para o resgate da experiência formativa nas aulas de Educação Física, através da reflexão crítica sobre as contradições que nos defrontam, e isso é uma possibilidade de superação, já que, conforme Bereoff (1999), à luz da Filosofia, como não podemos romper com a cultura do esporte de

rendimento nas aulas, mas pensá-lo em seu movimento histórico, é uma saída encontrada como possibilidade de resolução desses problemas.

Nesse sentido, Bracht (2001) afirma que, para o professor ensinar as destrezas motoras esportivas, é preciso estar dotado de novos sentidos, subordinados a novos objetivos/fins, que resultam em novas construções, novos sentidos para o próprio esporte na escola, integrado ao projeto pedagógico da escola.

Vago (1996) vai além: diz que não se trata de agir apenas para que a escola tenha o seu esporte. Trata-se de problematizar a prática cultural do esporte da sociedade (que é ao mesmo tempo, o esporte da e na escola), para reinventá-lo, recriá-lo, reconstruí-lo, e, ainda mais, produzi-lo a partir do específico da escola, para tencionar com aqueles já citados, que a sociedade incorporou a ele (e para superá-los). Não sendo mesmo possível à escola isolar-se da sociedade, já que a escola é ela mesma, uma instituição da sociedade, uma de suas tarefas, então, é a de debater o esporte, de criticá-lo, de produzi-lo e de praticá-lo.

Nesse aspecto, continua o autor para tentar mudar essa situação de exclusão e seletividade a - tensão permanente - com os códigos e valores agregados ao esporte pela forma capitalista de organização social para construirmos outros valores a partir da escola (a solidariedade esportiva, a participação, o respeito à diferença, o lúdico, por exemplo), é fundamental que o façamos para toda a sociedade.

Para Paes (1996), pensar o desenvolvimento do esporte na educação não formal, como continuidade do processo de educação formal, é possibilitar uma perspectiva de educação permanente no ambiente escolar.

[...]trabalhar com uma prática esportiva nas aulas de Educação Física é muito mais do que o ensino das regras, técnicas e táticas próprias daquela modalidade. É necessário, acima de tudo, contextualizar esta prática na realidade sociocultural em que ela se encontra. [...]Acreditamos que se estes aspectos forem trabalhados com os alunos, será possível ter como meta nas aulas de Educação Física a contínua avaliação e reconstrução das práticas esportivas, ao invés da repetição de movimentos padronizados (DAÓLIO,1997, p. 33).

Desse modo, outro aspecto a ser refletido, e até de certa forma proposto, partindo do princípio de uma pedagogia da importância cultural, social e educativa,

que abrange também todo um resgate histórico e político, é a constante experiência de conteúdos significativos e em permanente avaliação no processo educativo, direcionados num sentido de bem comum, ou seja, ao propor o conteúdo, o professor, antes de ensinar, por exemplo, o futebol da forma institucionalizada como é ensinado, se perguntaria: este conteúdo em sua forma institucionalizada em nossa sociedade é um objeto educativo para o bem comum?

Acreditamos, muitas vezes que o que falta não é o direito a um sistema educacional melhor, mas o mínimo de sensibilidade para com a causa humana e para a boa vontade de transformação social, fatores de grande relevância para impedir a supremacia desta formação esportivizada, que tanto prejudica a educação dos alunos. Pois, de nada adiantará terem em cada escola um ginásio poliesportivo, se o bem cultural ali trabalhado não mais se ligar aos interesses e necessidades dos sujeitos-históricos (alunos).

Segundo Taffarel (2000), para que o esporte na escola seja aplicado de forma alternativa ao esporte de rendimento, é necessária uma articulação com o âmbito das políticas públicas da Educação e de bem estar geral da população, sempre atrelado ao projeto de escolarização e ao projeto político pedagógico da escola. Porém, a autora admite que seja um trabalho duro, no qual o professor deve buscar permanentemente o conhecimento e reivindicar que o poder público cumpra a sua parte. A autora assegura que o aluno só terá realmente acesso ao esporte educacional, através da luta política e da reflexão, já que através do esporte de rendimento existe uma desumana desigualdade social que não busca os objetivos para uma sociedade mais justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, criar no mínimo uma nova cultura para Educação Física será fundamental, sem ingenuidade, mas com intervenções e ações sensíveis para as reais necessidades locais que permitam ao final de cada aula perguntar: eu proporcionei experiências educativas aos meus alunos que lhes possibilitem ser autônomos, capazes de transcender o *status quo*, fazendo uso de seus próprios entendimentos, se assim o quiserem?

Diante de tantas possibilidades de conteúdos na Educação Física esperamos que os profissionais de nossa área sejam capazes de mudar essa página ambígua, enfadonha e mesquinha para uma página nova de esperança e constância pedagógica na escola, em que o esporte possa ser e ter sua presença, sem que os valores negativos construídos historicamente como o consumismo e o artificialismo, não comprometa a importância que ele tem enquanto conteúdo pedagógico e, portanto, educativo para valores mais humanos.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Tradução Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BEREOFF, Paulo Sérgio. **Experiência formativa e educação física**. São Paulo: Editora UNISA, 1999.

BRASIL, **Constituição**. 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 05 set. 2003.

_____, MEC. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LEI nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, 1996. (<http://www.planalto.gov.br>). Acesso em: 20 ago. 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. V. 8.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para que? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Maringá. v.13, n 2, p. 282-287, 1992.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. **RBCE**. Campinas, v.7 n. 2: p. 62-68, 1986.

_____. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento - Ano VI - Nº 12 - 2000/1**.

BRUHNS, Heloísa T. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: Papiros, 1993.

CASTELLANI FILHO, Lino. **A educação física no Brasil: a história que não se conta**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. **Política Educacional e Educação Física**. São Paulo: Autores Associados, 1998.

- CAPITANIO, A. M. Educação Através da Prática esportiva: missão impossível? *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Ano 8 - Nº 58 - Março de 2003.
- CRATTY, B. J. **Psicologia no Esporte**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil. 1984.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez. 1992.
- COSTA, Vera Lúcia M. **Prática da Educação Física no primeiro grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação?** São Paulo: IBRASA, 1987.
- CORREIA, Marcos. Jogos Cooperativos Perspectivas, Possibilidades e desafios na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164, jan. 2006.
- DAÓLIO, Jocimar. **A cultura da/na educação física**. 2002. Tese (livre docência) – Faculdade de Educação Física, Unicamp.
- _____. **Da cultura do corpo**. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2007.
- ESCOBAR, Micheli O. **Jogo e Esporte na Cultura Corporal** In: ESCOBAR, Micheli. O. *et al. Manifestações dos jogos*. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.
- FIEP – Fédération Internationale d'Éducation Physique. **Manifesto Mundial de Educação Física**. Foz do Iguaçu, 1976.
- FERRAZ, O. L. **O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências**. In: DE ROSE Jr., D. (Org.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FERREIRA, M. S. **A competição na Educação Física Escolar**. Motriz, Rio Claro, v. 6, n. 2, p. 97-100, jul.-dez. 2000.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- _____. **Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1997.
- GADOTTI, M. **Lições de Freire**, *Ver. Faculdade de Educação* v. 23, n. 1-2 Jan. /Dez., São Paulo, 1997.
- GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer no período da ditadura militar: o desvelar de depoimentos de sindicalistas da Grande São Paulo - Brasil. **Revista Corpoconsciência, Santo André**, n. 10, p. 35-55, 2o sem., 2002.
- HILDEBRANT, & LAGING, R. **Concepções Abertas no Ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógica do Esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.
- _____. (Org.). **Didática da Educação Física 1**. 3. ed., Ijuí:UNIJUÍ, 2003a.
- MARCASSA, Luciana Pedrosa. **A Ludicidade como componente do processo ensino-aprendizagem nas aulas de educação física escolar**. In: Coletânea do XIV ENAREL – Encontro de Recreação e lazer. CHISTIANE I. G. Werneck et al (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 316-323.

MARCELLINO, Nelson C. **A sala de aula como espaço para o jogo do saber.** In: **MORAES, Regis de. A sala de aula: que espaço é esse?** Campinas: Papiros, 1988, p. 59-70.

_____. Problemática da Educação Física escolar: pedagogia para séries. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.2, n. 1, set/1989, p.J0-5.

MOREIRA, Wagner Wey. **Educação Física escolar: uma abordagem fenomenológica.** Campinas: Unicamp, 1992.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **Educação Física Humanista.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

PAES, R. R. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental.** Campinas, 1996. Tese (Doutorado) - UNICAMP, 1996.

SADI, Renato S. **Esporte, Política e Sociedade.** In. Comissão de Especialistas de Educação Física [do ministério do Esporte]. **Esporte e Sociedade**, Brasília:UNB/CEAD, 2004.

SNYDERS, Georges, **A alegria na escola.** São Paulo: Manole, 1988.

SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem fenomenológica.** Ijuí: UNIJUÍ, 1987.

_____. **Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento.** 2. ed. Porto Alegre: Est, 2001.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. **Ginástica geral: uma área do conhecimento da Educação Física.** 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, SP, 1997.

TAFFAREL, Celi N. Z. Desporto educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. **Revista Movimento.** Ano VII nº 13, 2000, p. XV-XXXV.

TANI, G. *et al.* **Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

TUBINO, Lidiane Dias. **O lúdico na sala de aula: Problematizações da prática docente na 4ª série do Ensino Fundamental.** 2010. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VAGO, T.M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. **Revista Movimento, Porto Alegre**, V.III, n.5, 1996.